

## O REAL GYMNASIO CLUB PORTUGUEZ



Existem actualmente em Lisboa duas sympathicas associações aonde, com os melhores resultados, se estão cultivando os exercicios gymnasticos. Chama-se uma *O club gymnastico de Lisboa*, e tem a outra a denominação com que vem encimada esta pagina.

Ambas á porfia trabalham e se esforçam pelo seu respectivo desenvolvimento, e n'este sentido inaugurou a ultima d'ellas, na noite de sabbado proximo, as suas novas salas, que estão um verdadeiro primor de construcção e de elegancia.

A boa vontade e os valiosos sacrificios empregados no engrandecimento d'esse club pelos socios João e Francisco Xafredo e Duarte Holbeche encontram decerto uma agradável compensação no conseguimento de tão brilhantes resultados, dos quaes se orgulhará tambem o conhecido professor Luiz da Costa Monteiro, iniciador dos exercicios gymnasticos em Portugal.





O pescador é o lavrador do mar. Precisa que a verdura do seu campo, d'aquella immensa campina que vae perder-se na curva azul do horisonte, seja tambem banhada pelo sol para que a colheita seja profiqua e a lavra aproveitavel. O lançar da rede é até semelhante ao lançar do grão á terra, e, assim como o lavrador, n'uma convulsão da tempestade, póde ver perdidos todos os seus trabalhos, arruinados todos os seus capitais, derrubadas e espalhadas pelo vento todas as suas esperanças, tambem o nordeste violento, o granizo, toda a orquestração da tormenta pode, entre dois crepusculos, desfazer os laços, rasgar a trama das redes e desfiar pela immensidade das aguas, como uma trança que se destrinça, o feixe das venturas sonhadas durante uma tarde calma e sem nuvens.

Como nos processos de trabalho, como nas eventualidades da vida arriscada, ambos, sob as inclemencias do sol, da chuva, das inverneiras, o pescador como o lavrador, vivem na nossa terra lutando com a imminencia da desgraça, irremediavel, subita, inclemente. O estado da nossa sociedade decadente ainda não permittiu a fundação das sociedades de soccorros mutuos para as classes que vivem da lavra dos campos, ou da lavra das aguas. O credito agricola falta, como falta o credito para as populações da costa, de modo que a faina de todos elles opera-se diariamente sem a mais leve base de auxilio, sem a mais remota promessa de descanso, sem a mais pallida claridade de repouso. Viver no trabalho para morrer na miseria é a mais dolorosa das fatalidades, e é entre essas duas agonias que a existencia do pescador se consome, como a sua rede se despedaça no embate de duas vagas alterosas. Esta crise permanente tem horribes manifestações periodicas, que fazem lembrar as situações medonhas porque passava a industria nas edades antigas. Porque a agricultura e a pesca, sem protecção, sem recursos, sem credito e sem futuro vivem atrasadas de alguns seculos, se as compararmos com quasi todas as outras actividades humanas. Pertencem á classe d'essas calamidades inauditas o incendio da povoação do Furadouro, a tempestade que ha dois annos varreu todas as redes lançadas na costa da Povoia de Varzim e, ultimamente, o terrivel incendio da povoação da Trafaria, na costa de Caparica. Quem, como nós, percorresse aquellas desoladas paragens pouco tempo depois de occorrer o sinistro caso, sahiria do meio de tanta dôr com a alma afofada em lagrimas e o coração fundamente magoado.



N'uma noite o fogo cortou do areal as tristes cabanas de colmo onde se abrigavam durante as inverneiras os pobres pescadores da Trafaria. Semi-nús, despojados dos parques agasalhos conquistados á força de trabalhos extremos, sacudindo os ares com as exclamações da sua angustia, as crianças famintas, aos bandos, homens e mulheres, uma população inteira a alguns passos da capital do reino

mesmo ás portas da grande cidade luxuosa, vivem na dôr das ultimas miserias esperando por um soccorro que não deve tardar mais um momento. Por enquanto são tepidas as noites e alegre o marulhar das aguas: mas o inverno appoxima-se, o frio, o norte, a chuva avançam com todo o seu cortejo de desgraças, e se, antes d'essa época, o povo de Lisboa não acudir com o seu amor, com a sua dedicação, com a sua fraternidade aos malaventurados pescadores, nós daremos um exemplo de decadência e de falta de solidariedade social a que não estamos costumados e contra o qual, a nossa consciencia cedo se revoltará!

Invocando aquelles principios luminosos que constituem todo o edificio do Bem, o Antonio Maria implora toda a protecção dos seus leitores e toda a inexgotavel corrente de bondades do povo de Lisboa para os desgraçados pescadores da Trafaria, que a estas horas apellam para o soccorro de nós todos como para o unico alivio e unico remedio contra a mais calamitosa miseria.



## RECORDAÇÕES!...

A Jayme Filinto (com resposta)



Lembras-te ainda  
Da tarde linda  
De goso infinda,  
De encantos maga,  
E nós contigo  
No doce abrigo  
Do nosso amigo  
Duarte Braga?...



A tal conforto,  
Vem, vivo ou morto,  
Se lá no Porto  
'stás macambusio...  
Vem, sobre a fraga  
Que o Tejo alaga,  
Gozar o Braga  
Soprando o busio!...



PAN.



Gabriel Claudio foi apanhado em flagrante delicto de mais uma palmação litteraria. Segundo refere um jornal, Gabriel empolgou A Noiva e, não contente de a rapinar, estropiou-a, que é o mais!

Foi uma acção muito feia e que, se não custou a Gabriel Claudio, deve pelo menos ter feito córar de pudor as flores brancas da laranjeira de D. Guiomar.

Sempre nos quiz parecer que Gabriel Claudio, apesar de trazer luvas, ou talvez mesmo por isso, não primava muito pelo acceio de mãos...





## A SEMANA



Do que se passou de notavel pela cidade durante a semana decorrida, apontámos apenas no canhenho dois acontecimentos importantes.

O primeiro teve uma grande significação, mas exclusivamente para nós e para mais meia duzia de amigos: foi o regresso ao Porto de Emygdio d'Oliveira e de Jayme Filinto, uns bellos moços, duas physionomias rasgadas e dois caracteres desenhovalhados, intelligencias claras e amigos de lei, que durante uma curtissima semana nos deliciaram com a fertilidade do seu espirito brilhante e nos encantaram com as demonstrações da sua amizade valiosa.



E cá nos deixaram, os ingratos, esgueirando-se subrepticamente para o Porto, a galharda cidade patriótica, onde mais dia menos dia caímos como corisco, direitinhos em casa d'elles, mesmo sem passar pelo palacio de Crystal nem olhar para a torre dos Clerigos, porque a verdadeira torre e o verdadeiro palacio são elles, para nós as primeiras preciosidades d'aquella terra.



Quanto ao segundo acontecimento da semana, foi de vulto para toda a cidade e sel-o-ia até para a propria Justiça, se a casta filha de Jupiter tonante, no que respeita a moralidade, não tivesse de ha muito seguido entre nós as gloriosas tradições de seu augusto papá...



Firmino o Gato, que é o alto executor dilecto da Tribu dos Arranjos; que tem assento no tribunal da Boa Hora, e que tem igualmente assento no seio da representação nacional — ao todo dois assentos; — Firmino o Gato que, a despeito dos seus instinctos felinos, vive em perfeita harmonia com os *bull-dogs* da guarda municipal; Firmino acaba de julgar e condemnar os terríveis revolucionarios com quem o sr. coronel Moreira investiu ha dias, só porque os ouviu bater as palmas...

Firmino formula as bases capitaes da sua sentença no facto de não haverem os réos desaparecido como fumo, *in continenti* á ordem de dispersar intimada pelo commandante da guarda municipal.

Firmino não quiz mesmo admitir como attenuante a razão de não se achar ainda a Praça de Luiz de Camões provida dos alçapões indispensaveis e dos aerostatos imprescindiveis, para cada um se sumir por esse chão abaixo ou desaparecer por esse espaço acima, logo que o contra-regra do largo do Carmo, representado na pessoa do sr. coronel Moreira, faça soar o apito que determina as mutações á vista...

Firmino não quiz lá saber de recursos de incompetencia: quiz saber apenas das custas que lhe competiam e são os recursos da sua bolsa.

Firmino, em summa, quiz manifestar, á Tribu, que lhe consagra inteiro o assento da Boa Hora, como lhe reserva puro o assento da camara baixa.

Fóra de portas tivemos a romaria ao Senhor Jesus da Serra.

Ranchos de ovarinas e de populares lá accudiram á festa, ungidos de fé catholica e premunidos de pescadinhas fritas, o que nos faz pôr um grande ponto de interrogação sobre se os concorrentes encaram a romaria pelo lado místico d'uma penitencia que lhes hade abrir as portas do céu, se pelo lado positivo d'um simples passeio que lhes vae abrir a vontade de comer...

Seja como fôr, o certo é que a romaria esteve como sempre concorrida, animada e jovial, distinguindo-se, entre os grupos de romeiros mais gentis, o da colonia de Queluz, que ali accudiu em vistosas carroçadas, d'onde as senhoras lançavam sobre a turba elegantes chromos, em cujo verso se lia, na mais delicada e caligraphica das saudações:

*A colonia de Queluz, saúda a de Bellas.*

Pela sua parte, não fôram nem menos galhardos nem menos gentis os colonos forasteiros d'esta ultima freguezia.

No momento em que os festeiros de Queluz regressavam á terra, encarapitados nos seus carros multicôres, os de Bellas promoveram-lhe uma manifestação estrondosa, cuja iniciativa coube aos srs. Falcão Rodrigues, padre Sena Freitas, Schindler, e, muito especialmente, ao sr. dr. Rangel de Quadros, meritissimo juiz da relação de Lisboa!



Os foguetes estoiraram, os fogos de bengala accenderam-se, as phylarmonicas tocaram, e a multidão, empunhando dezenas de archotes, irrompem em *vivas* calorosos que os eccos repetiam pela cumiada das serras!!!

Uma coisa esplendida!

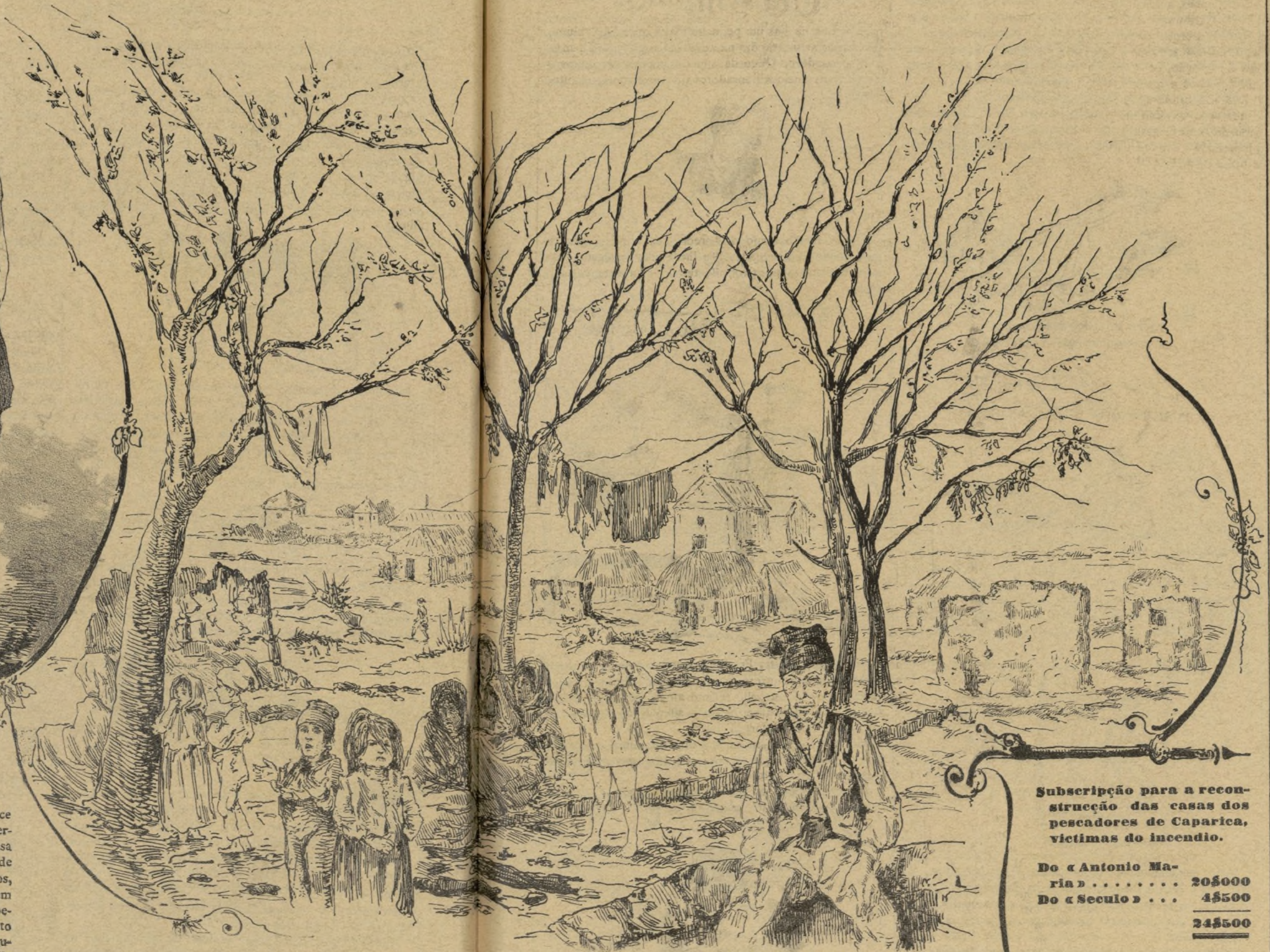


## A COSTA D CAPARICA



O ALFAMA

Alfama é um perfeito heroe de romance inverosmil; e, comtudo, nada de mais verdadeiro nem de mais positivo do que essa personalidade extravagante! Possuidor de bens de fortuna relativamente avultados, vive entre os bandos de pescadores, a quem soccorre com os rendimentos do seu peculio, e com os quaes se confunde tanto no passadio como no trajo! Alma singularissima, terá talvez gosado, n'aquelle docê mister de praticar o bem humildemente, as emoções estranhas que decerto não experimentam os que exercem a caridade em busca de louvores.



Aos pescadores de Caparica surgiu, nestes tempos, sob uma forma nova para elles, a fatalidade eterna da lucta pela vida. Não fôram as vagas, nem os ventos, nem as borrascas, seus inimigos tradicionaes, que os precipitaram na miseria e na fome. Fôram as chammas que destruíram os insuficientes confortos de sua vida angustiosa. Não é no sol do firmamento que está para elles agora a luz da esperança, como no meio das tempestades do Oceano. Outro sol ha de enxugar-lhes as lagrimas e furtal-os ao desespero — a caridade nunca mentida dos seus compatriotas.

Subscrição para a recon-  
strução das casas dos  
pescadores de Caparica,  
victimas do incendio.

Do « Antonio Ma- ria » .....	20\$000
Do « Seculo » ...	4\$500
	<u>24\$500</u>

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO



Mas o que o sr. dr. Rangel de Quadros não sabe, como o não sabem também os outros cavalheiros promotores do vivorio, é os lençoes em que se metteram...

Pois então, ainda no sabbado, Firmino o Gato condemnava no tribunal da Boa Hora, a penas de cadeia, sete cidadãos, porque deram *vivas* ao sr. Magalhães Lima, e logo no dia seguinte o sr. dr. Rangel de Quadros, um juiz da relação, em vez de dar o exemplo, vae dar *vivas* não sabemos a quem nem a que proposito!!!

Mas isto brada aos ceus e aos Firminos!...

Tenha o sr. Rangel paciencia mas, ou a lei é effectivamente uma batata, ou o tribunal da Boa Hora, paraphraseando a trova infantil, está n'este momento pediudo a bolsa de s. ex.º;



«Aqui põe o Rangel o ovo  
E o Firmino papa-o todo...»

PAN.

#### PUBLICAÇÕES DEMOCRATICAS



A empresa da *Folha do Povo* acaba de prestar um relevante serviço ao povo e ás letras, com a fundação da *Bibliotheca Republicana*, que se propõe a publicação de romances propagadores da idéa democratica, o primeiro dos quaes será o valioso trabalho de Henrique Rochefort — *Le palefrenier*, que em França teve um exito extraordinario.



Saiu recentemente do prelo a 3.ª edição da *Cartilha do Povo*, um livrinho muito apreciavel, cujo maior elogio consiste em se haverem esgotado, no curto praso de dois mezes, as duas primeiras edições, de cinco mil exemplares cada uma.

Felicitando o publico pelos beneficios que lhe resultarão das duas interessantes publicações que vimos de annunciar, incitamol-o a que coadjuve essas empresas, pagando-lhes em protecção o que ellas dispendem em boa vontade e sacrificios.

## OS SALOES

Recebemos ha dias um pequeno mas esplendido volume denominado *AS HESITAÇÕES DA ACTUALIDADE*, devido á penna do sr. visconde de Ouguella, um dos melhores talentos e um dos mais lucidos pensadores da nossa moderna litteratura.



É um trabalho digno de apreciar-se, e onde talvez alguns encontrarão verdades que lhes sejam pungentes, mas cujo fundamento positivo não terão a coragem de contestar.

## COLYSEU



Ao insigne artista François agradecemos a constante amabilidade com que todas as noites nos distingue, advirindo que, se o seu bello talento ainda precisasse de mestres, não seríamos decerto nós — simples discipulo — que occupariamos tão honroso logar.

Mas, visto que assim teima em denominar-nos, tomamos a liberdade de fazer uma pequena correcção ao seu excellente Costa Apita.

O homem agora já não usa bigode; rapou-o, ou raparam-lh'o, e está n'isto que se vê...







Segundo referem os jornaes de Macau, os negociantes d'aquella colonia entregaram ao major Constantino José de Brito, juntamente com uma honrosa mensagem, uma bandeira de seda encarnada onde se lia em letras d'oiro: *Ly-chae-vae-vai*, que, traduzido ao pé da lettra (vá lá por conta do *Diario de Noticias*) quer dizer: *Empregado animado dos melhores desejos*.

Ora aqui está uma phrase que ninguem ainda se atreveu, nem se atreverá sem menoscabo da verdade, a dizer ao sr. Fontes.

Teem-lhe dito muitas coisas bonitas e feias, mas com um *Ly-chae-vae-vai* é que s. ex.<sup>a</sup> nunca se lambeu...



TELEGRAMMA DAS CALDAS



O Pimentel, á merenda,  
Teve uma idéa de truz,  
E fez enorme encomenda  
P'ra a guarda-roupa do Cruz.

Quer elle, p'ra que se entenda  
Como Castella o seduz,  
Que quanto d'elle dependa  
Passe a trajar d'andaluz!

A quanto empregado topa  
Quer impingir caracões  
E vae mascarar a tropa

Fazendo tudo hespanhoes,  
Desde el leon de la copa  
Té ao Pavão dos bêmões!...

PAN.



## AO MOREIRA

### Barão de Esfola-Gatos



D'aqui te saúdo,  
Nariz cabelludo,  
Cor'nel carrancudo,  
Moreira valente,  
Que rapas da espada  
E atiras pranchada  
Fazendo em salada  
O lombo da gente,  
E o povo nas praças,  
Rugindo, ameaças,  
Mettêr ás murraças  
Na cova d'um dente!

No dorso da egoa,  
Correndo sem tregoa,  
A mais d'uma legoa  
Já mostras o busto,  
E tudo fugindo  
Vae indo, vae indo,  
N'um pávido, infindo  
Terror, porém justo,  
E tal terror mettes  
Que as *Perliquitetes*  
Entoam falsetes:  
— Ai mana! que susto!...

Em mil letras d'oiro,  
N'um livro de coiro,  
O povo vindoiro  
Será justiceiro  
Tornando afinal  
Teu nome immortal,  
E coisas e tal,  
Valente guerreiro,  
Que tens fama extranha  
N'aquella façanha  
Da grande campanha  
Do passarinhoiro!

.....  
Em paga dos seus trabalhos,  
Dê-lhe el-rei penduricalhos,  
E c'roas de cascas d'alhos  
Lance-lhe o povo aos sapatos!  
E tu, Cócó, vê se podes  
Honrar esse novo Herodes,  
Mudando o de *Esfola-Bodes*  
Em beco de *Esfola-Gatos*!

PAN.





## SEMELHANÇAS



Exactamente como os Harlows do Coliseu, os Harlows da monarchia figuram ser tres mas são apenas dois porque o do meio é de borracha e o da direita é que lhe pucha os cordelinhos.